

# Notas sobre o pensamento autêntico em Schopenhauer

**Iago dos Santos Moura Melo**

Mestrando em Letras: Linguagens e representações (UESC)

Bacharel em Direito (UESC)

E-mail: iagomouram@gmail.com

**Ricardo Afonso-Rocha**

Acadêmico de Direito (UESC)

E-mail: rocha.r174@gmail.com

Recebido em: 01/02/2018.

Aprovado em: 26/02/2018.

**Resumo:** Este texto reflete sobre a teoria da escrita de Arthur Schopenhauer, a partir da consideração de alguns de seus ensaios organizados por Süsssekind sob a rubrica de *A arte de escrever*. Defende a existência de uma teoria do pensamento implícita no plano subterrâneo das reflexões do filósofo alemão sobre a escrita. Para a realização desse fito, tece, *ab initio*, um panorama geral sobre os ensaios constantes da *Arte de escrever*. Após, toma como principal reflexão de Schopenhauer no ensaio *Pensar por si mesmo*, capítulo 2 do livro, a respeito do que denomina de pensamento próprio. Demonstra que o que potencializa o acontecimento apropriativo do pensamento, além da autonomia do pensador, é também a percepção do problema de sua existência, bem como da durabilidade de seu futuro pessoal. Denuncia que somente a restituição do pensamento à existência pode retirá-lo das *outras coisas* e permitir o seu acontecimento autêntico. Em sentido lato, a orientação epistemológica adotada é a atitude fenomenológico-hermenêutica. Em sentido estrito, tem como norte o pluralismo metódico de Paul Feyerabend (2007). Possui, como lastro interpretativo, o método de desleitura de Harold Bloom (1993) e a noção de legibilidade de Eni Orlandi (2006). A orientação filosófica básica é a pesquisa crítica. Emprega a técnica bibliográfico-documental para consulta de literatura.

**Palavras-chave:** Leitura. Autonomia. Existência. Futuro pessoal.

## *Notes on the authentic thinking in Schopenhauer*

**Abstract:** This text reflects on the writing theory of Arthur Schopenhauer, from the consideration of some of his essays organized by Süsssekind under the rubric of The Art of Writing. It defends the existence of a theory of the implicit thought in the underground plane of the reflections of the German philosopher on the writing. For

the realization of this aim, he weaves, ab initio, a general panorama on the essays in the Art of writing. Afterwards, he takes as the main reflection of Schopenhauer in the essay *On thinking for oneself*, chapter 2 of the book, about what he calls his own thought. It demonstrates that what powers the appropriative event of thought, beyond the autonomy of the thinker, is also the perception of the problem of its existence, as well as the durability of its personal future. He denounces that only the restitution of thought to existence can withdraw it from other things and allow its authentic happening. In the broad sense, the epistemological orientation adopted is the phenomenological-hermeneutic attitude. In the strict sense, it has as its north the methodological pluralism of Paul Feyerabend (2007). It has, as an interpretive ballast, Harold Bloom's method of unlearning (1993) and the legibility notion of Eni Orlandi (2006). The basic philosophical orientation is critical research. It uses the bibliographical-documentary technique for literature consultation.

**Keywords:** Reading. Autonomy. Existence. Personal future.

## 1 Introdução

Sem dúvida, Arthur Schopenhauer (1788-1860) representa, na tradição alemã, um dos maiores filósofos de que já se teve conhecimento. Sua doutrina teórica conduz a constatação de que o mundo não passaria de uma representação formada pelo indivíduo.

Outros grandes nomes, tais como Freud, Nietzsche e Bergson, encontraram em seu pessimismo um solo fértil para que pudessem fincar suas raízes e construir os seus sistemas filosóficos. Muito embora se diga ter ele ido além do idealismo kantiano, é certamente em Hegel que seremos capazes de encontrar a figura antagonista a quem Schopenhauer sempre já dirigia suas principais críticas.

Não sem razão teria Nietzsche considerado Schopenhauer o único filósofo alemão do século XIX. Cite-se também a aclamação de Thomas Mann a respeito do filósofo, tendo-o como o grande pai da psicologia moderna, que passa por desde Nietzsche chegando à Freud.

O título *A arte de escrever* reúne alguns dos ensaios constantes da obra *Parerga e Paralipomena* escrita por Schopenhauer, na qual o teórico reflete, em tom muitas vezes cômico, sobre o ato de pensar, bem como a respeito da escrita, da leitura. Nessas reflexões, é levado a tecer considerações a respeito de escritores de sua época, tidos como eruditos, de maneira a avaliar suas obras.

Os textos que compõem *A arte de escrever* são: *Sobre a erudição e os eruditos* (cap. 1), *Pensar por si mesmo* (cap. 2), *Sobre a escrita e o estilo* (cap. 3), *Sobre a leitura e os livros* (cap. 4), *Sobre a linguagem e as palavras* (cap. 5). Todos eles denunciam, alguns em menor e outros em maior grau, o apelo de Schopenhauer a um modo de pensar autêntico e próprio.

Como aponta o prefaciador da obra, Pedro Süssekind, que é também o responsável pela tradução dos ensaios para o português e pela sua organização sob a rubrica *A arte de escrever*, alguns dos textos retomarão questões importantes que remetem a *O mundo como vontade e representação* (1818) e *Sobre o fundamento da moral* (1840), o que faz deles um solo fértil para as mais infinitas ponderações.

A reunião de textos sob a rubrica de *A arte de escrever* não se dá de modo aleatório. Na verdade, os textos constantes da reunião incluem sempre uma temática que lhes é comum, que é a da literatura. Apesar disso, outros temas importantes podem ser visualizados, tal como uma teoria da escrita, ou uma teoria do pensamento autêntico, que é o que esse trabalho objetiva inferir.

Schopenhauer refutará, principalmente, a literatura de consumo. Tentará estabelecer distinções entre autores bons e autores maus, esses últimos quase sempre movidos pelo fito de obter dinheiro; além de recriminar a atividade jornalística, condenar o hábito de leitura de novidades em detrimento de textos consagradas como clássicos e denunciar o empobrecimento literário e linguístico que resulta das más escritas.

Observará que, muitas vezes, o que se tem por obscuridade e ininteligibilidade, que normalmente ganham nome de genialidade, mascara uma má escrita. Na Alemanha, como defenderá, Fichte, Schelling e Hegel se traduzem como os principais representantes da tradição dos maus escritores.

Schopenhauer elaborará, assim, sob o lastro de sua crítica, uma espécie de teoria da escrita. Sob a égide dessa teoria da escrita, e com arrimo em suas formulações teóricas no *Pensar por si mesmo*, defenderemos a existência de uma teoria do pensamento no plano implícito de seus escritos.

Em sentido lato, a orientação epistemológica adotada é a atitude fenomenológico-hermenêutica. Essa atitude é descrita nas linhas de *Ser e Tempo* (2012), pelo filósofo alemão Martin Heidegger. Com essa atitude, entendemos que o homem existente, enquanto ente

privilegiado que está desde já e sempre no desvelamento, é quem pode se determinar em seu ser e permitir que os fenômenos se mostrem a partir de si mesmos.

A interpretação dos fenômenos que se apresentam agrega sempre o ser do ente que pode interpretar e que compreende a complexidade do ser em geral enquanto indeterminável como um ente a mais. O fenômeno se desentranha como uma das possibilidades do ser que se mostra.

Em sentido estrito, a pesquisa norteia-se pelo pluralismo metódico de Paul Feyerabend (2007). Fala-se em método, seguindo as orientações de Folscheid e Wunenburger (2002), para quem o método se coloca como inerente à própria filosofia. Os autores advertem, entretanto, que a metodologia filosófica não é em si mesma, mas “[...] se confunde com o conjunto de exigências teóricas e especulativas do ato de filosofar [...]” (p. viii).

Mas, ao tempo que optamos por um aparato metodológico específico, importa salientar que nos afastamos da carga cientificista e prometeica que a palavra método adquire na modernidade, principalmente. Tomamos método aqui como caminho, com arrimo na etimologia da palavra, que remonta ao seu sentido grego. O caminho é visto como um percurso possível que não subtrai de outros percursos o seu caráter de possibilidade.

Ao passo que se entende a instrumentalidade do método, também se entende a exigência de uma pluralidade metodológica. Refuta-se o monismo metódico, visto ser uma atitude precarizadora da investigação, que padece pela ingenuidade com relação à complexidade do ser.

Possui como lastro interpretativo o método de des-leitura de Harold Bloom (1993) e a noção de legibilidade de Eni Orlandi (2006). Conforme lembra Stein (2014), o método de des-leitura tem gênese numa forma de competição entre ator-leitor e escritor. É que, no horizonte de clarificação do ente texto, em que o escurecimento constitutivo parece ecoar, temos delineada nossa tarefa, enquanto leitores.

A des-leitura, nesse passo, não traduz apenas um ato de escolha e decisão, mas antes compõe a criatividade de quem se confronta com o texto a ser interpretado, o qual dará lugar a um novo ente que aponta para uma segunda visão, reestimativa e reavaliativa. Assim, a des-leitura compõe uma criatividade que se direciona ao texto a

ser interpretado, ou até superado, mediante outro texto. Busca-se estabelecer uma relação original, posta a vantagem da “tardividade” do leitor frente ao texto a se interpretar. O leitor, desse modo, é o ente que está em situação de privilégio e que pode abrir o texto a possibilidades sempre novas de interpretação. Como afirmam Folscheid e Wunenburger (2002, p. 9), ler e pensar se situam num mesmo plano e, portanto, “*Pensar o já pensado é repensar, e repensar é sempre pensar*”.

Também elegemos como paradigma de leitura (e também de justificação do método de des-leitura anteriormente assinalado) a noção de “legibilidade” de que se utiliza Eni Orlandi (2006), em *Discurso e leitura*. Segundo a autora, “A leitura [...] não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade.” (ORLANDI, 2006, p. 9).

Pensar sobre a legibilidade de um texto implica sempre considerar o papel da história em sua constituição e textualidade. Enfoca-se, portanto, a historicidade do “lugar de leitura” ao qual pertence o leitor. O texto se produz, como dirá a autora, no horizonte de interação entre autor, leitor virtual e leitor real. A interação do leitor não é propriamente com o texto, mas com outro sujeito que é o leitor virtual.

Observa-se que não se compreende o problema da legibilidade na cisão sujeito-objeto, mas sim na relação sujeito-sujeito. Deixa-se de lado um cartesianismo frágil, portanto. Como adverte Orlandi (2006, p. 9), “[...] Ficar na ‘objetividade’ do texto [...] é fixar-se na mediação, absolutizando-a, perdendo a historicidade dele, logo, sua significância”. A leitura é mesmo o momento crítico em que a unidade e a realidade significativa de um texto se produzem. Autor, leitor virtual e leitor real dialogam nesse momento.

Numa tentativa arriscada de conciliação metodológica entre Bloom e Orlandi, pode-se dizer que o leitor especulador, isto é, o leitor que remete o texto a novas possibilidades de se mostrar, não lida propriamente com o texto, tido esse por objeto. Na verdade, a des-leitura é mesmo a própria relação existente sempre entre autor, leitor virtual e leitor real que pode trazer à luz novas possibilidades do ente texto e que se inscreve no horizonte da historicidade. Dessa forma é que deve ser concebido o projeto compreensivo que aqui se quer formular.

A orientação filosófica básica é a pesquisa crítica. Emprega a técnica bibliográfico-documental para consulta de literatura.

## 2 Teoria da escrita de Schopenhauer

Esse item pretende tecer breves considerações sobre a teoria da escrita de Schopenhauer como preparação para a senda investigativa que se descortinará no item 3 (*Pensar por si mesmo e a autenticidade do pensamento*). Para tanto, alude de modo não demorado às reflexões do autor nos ensaios *Sobre a erudição e os eruditos* (cap. 1), *Sobre a escrita e o estilo* (cap. 3), *Sobre a leitura e os livros* (cap. 4), *Sobre a linguagem e as palavras* (cap. 5). Entendemos se tratar de um movimento necessário para que se possa, adiante, defender uma teoria do pensamento autêntico no plano implícito de sua doutrina.

Como denuncia o prefaciador Pedro Süsserkind, também responsável pela tradução dos ensaios para o português e pela sua organização sob a rubrica *A arte de escrever*, alguns dos textos retomarão questões importantes que remetem a, e.g. *O mundo como vontade e representação* (1818) e *Sobre o fundamento da moral* (1840), o que faz deles um solo fértil para as mais infinitas ponderações. Temos sempre em conta, para a realização da tarefa a que se incumbe o presente item dessa pesquisa, o caráter metalinguístico dos ensaios schopenhauerianos, já que os cinco textos trazem reflexões sobre os seus mais diversos aspectos literários; “[...] em outras palavras, eles discutem elementos como o estilo, a escrita e o pensamento próprio, constituindo eles mesmos uma formulação escrita exemplar dos pensamentos, no estilo mais apropriado.” (SÜSSEKIND, 2009, p. 16).

Tendo em vista os traços metalinguísticos contidos nos ensaios de Schopenhauer que estamos a tematizar, é que se delinea uma teoria da escrita, “[...] que abrange as diversas questões envolvidas no exercício da exposição do pensamento, seja ele teórico, seja ele literário.” (SÜSSEKIND, 2009, p. 17).

Em todo o tempo, na análise dos textos, percebe-se um cuidado do autor com a língua, comparações entre línguas e épocas, ente escritores antigos e modernos. A grande erudição que se atribui à Schopenhauer “[...] está sempre a serviço de seu pensamento próprio, que busca apoio diretamente nas fontes clássicas para

elaborar o exercício arriscado e polêmico da crítica de seu tempo.” (SÜSSEKIND, 2009, p. 17). Sua teoria da escrita é profética quanto às questões mais graves que serão retomadas por seus predecessores na vida do pensamento da história da filosofia.

Em *Sobre a erudição e os eruditos*, Schopenhauer considera a geração universitária de seu tempo. Descreve essa geração espaço-temporal como a *república dos eruditos*. Observa a busca dessa geração pelo que há sempre de mais novo e de mais recente na cena literária, filosófica. Segundo ele, o que se têm em mira por parte desses estudantes é apenas a *informação*, em detrimento da *instrução*. O filósofo encara isso como negativo na formação de tais estudantes, pois considera a informação como apenas um meio para a instrução. A informação não parece ter um valor por si mesma e é o que caracteriza precipuamente o modo de pensar dos eruditos de sua época.

Schopenhauer visualiza na maioria dos eruditos que a sua ciência funciona mais como meio que como fim. Isso os impede de fazer grandes realizações científicas, já que, para tal, o saber deveria ser encarado como meta última e bastante em si mesma. A existência, nesse último caso, deveria ser tida como um meio de se aproximar do saber. A “[...] verdadeira excelência só pode ser alcançada, em obras de todos os gêneros, quando elas foram produzidas em função de si mesmas e não como meios para fins ulteriores.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 21). Os eruditos apenas se informam com o fito de um dia poderem falar, i.e., escrever, bem como ensinar, o que é reprovável.

A erudição, nesse sentido pejorativo colocado por Schopenhauer, funciona como uma *peruca* que serve de adorno a uma cabeça, mas que não se constitui de cabelos próprios. A erudição é mesmo a reunião de grandes quantidades de pensamentos alheios, não naturais, desenraizados e substituíveis de imediato por outros pensamentos tidos como mais novos.

Os verdadeiros eruditos, os que se utilizam do saber como fim e da existência como meio para a consecução desse fim, são acusados de meros diletantes. Para que uma pessoa se ocupe de um saber com seriedade impende que com ele se relacione *con amore*. Esses gozam da disposição para pensar que lhes permite enxergar e conceber as grandes descobertas do pensamento. É preciso dedicar-se com amor ao seu ofício caso se queira obter resultados efetivos.

Muita vez, os ocupantes de cátedras, os ditos eruditos na seara universitária não são os que terão o reconhecimento da posteridade.

Isso porque esse reconhecimento exigirá por parte do pensador certa independência e ócio criativo, ao passo que, na república dos eruditos, os ocupantes de cátedras gozam de reconhecimento na relação com seus contemporâneos. Estes últimos serão capazes de compor, com seus saberes, a *memória de papel da humanidade*.

Mas os saberes vivos, que não subjazem na superfície dos muitos livros já escritos, estão sempre aí em cada momento dado, e algumas poucas cabeças estão despertas e podem captá-los. “O saber humano se espalha para todos os lados, a perder de vista, de modo que nenhum indivíduo pode saber sequer a milésima parte daquilo que é digno de ser sabido.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 30).

A verdadeira formação, o verdadeiro saber não se produz com recortes. Exige universalidade e visão geral. E Schopenhauer estará atento a isso ao afirmar que “Espíritos de primeira categoria nunca se tornarão especialistas eruditos. Para eles, como tais, a totalidade da existência é que se impõe como problema, e é sobre ela que cada um deles comunicará à humanidade novas soluções [...]” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 31).

O verdadeiro erudito assume como tema de suas buscas a totalidade daquilo que é, o grandioso, o essencial e o geral, não se atendo a relações específicas entre objetos particulares. Esse interesse pelas coisas gerais deveria, inclusive, ser determinado por lei, como dirá o filósofo. Segundo ele, todos os estudantes universitários deveriam passar por uma formação filosófica, antes de poderem assistir aos cursos das três faculdades a que chama superiores, a saber: a Teologia, o Direito e a Medicina.

Passamos ao estudo do capítulo 3 (*Sobre a escrita e o estilo*) e percebemos nele uma preocupação de Schopenhauer mais incisiva quanto à natureza e à prestabilidade da escrita. O autor tece críticas ferrenhas contra os escritores comerciais e os distingue dos escritores que pensam para, só assim, escrever. “As melhores obras dos grandes homens são todas provenientes da época em que eles tinham de escrever ou sem ganhar nada, ou por honorários muito reduzidos.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 56).

Schopenhauer classifica os autores em três grandes grupos, a saber: a) os que escrevem sem pensar, a partir de suas memórias, de reminiscências ou diretamente de livros alheios; b) os que pensam conforme escrevem, i.e., que pensam para escrever que constituem uma classe numerosa; e c) os que pensam e que escrevem apenas

porque pensaram, que são raros. Essa última classe de pensadores é a que tem estímulo das *próprias coisas* para pensar e para elas voltam ao seu pensamento. Aqueles “[...] que são estimulados *pelas próprias coisas* têm seu pensamento voltado para elas de modo direto.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 58). São pensadores, assim, aqueles que se voltam para as coisas em sua propriedade, em sua mesmidade, pois delas adquiriram impulso inicial para pensar.

O filósofo percebe, no contexto de seus contemporâneos, que “[...] o *curso da ciência* muitas vezes é um *retrocesso*.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 61). A busca pelo cada vez mais recente acomete de morte qualquer possibilidade de progresso. Sobretudo quando se trata de textos cada vez mais pobres, resultantes de uma escrita de consumo, irrefletida e sem lastro num pensamento autêntico. Com frequência, o que se produz “[...] se resume a um ataque contra o que valia até então como certo, para pôr no lugar afirmações vazias.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 60).

Os escritores de consumo estão tão desesperados para provar sua valia perante a plateia acadêmica que refutam o passado, apresentando aparentes inovações muito cheias de *logos*, porém vazias de ser. “A vida autêntica de um pensamento dura até que ele chegue ao ponto em que faz fronteira com as palavras: ali se petrifica, e a partir de então está morto, entretanto é indestrutível, da mesma maneira que os animais e plantas petrificados na pré-história.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 66). Um pensamento autêntico tende a se propagar e permanecer, seja para concordar, seja para refutar, sempre dele se terá que partir para pensar.

A vida de todo pensamento tende à cristalização. No momento em que o pensamento encontra palavras, ele passa da intimidade de sua existência para nós mesmos para um nível de existência para o outro. Há, portanto, um nível do pensamento que é anterior ao *logos*, que remete à intimidade, à seriedade e ao que reside de profundo no âmago de nosso ser, de modo que quando “[...] ele começa a existir para os outros, pára de viver em nós.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 67). O pensamento mais pleno é esse que habita o nível pré-discursivo, anterior a qualquer experiência de cristalização.

Para se comunicar a verdade do pensamento impende uma utilização comedida e adequada de palavras. Comunicar poucos pensamentos através de muitas palavras denuncia mediocridade, ao passo que o que sinaliza “[...] uma cabeça eminente é resumir

muitos pensamentos em poucas palavras.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 94). Schopenhauer tem em mente o que chama de *verdade nua*. Para o autor, a verdade só alcança profundidade em sua expressão quando ela dita de modo descoberto, quase vazia de *logos*.

A verdade só é dita com beleza quando comunica o essencial do pensamento mediante uma linguagem apropriada para dizer as essências. “A autêntica concisão da expressão consiste em dizer apenas, em todos os casos, o que é digno de ser dito, com a justa distinção entre o que é necessário e o que é supérfluo, evitando todas as explicações prolixas sobre as coisas [...]” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 95).

No parágrafo dezenove, ainda do capítulo 3, Schopenhauer considera as comparações. Para ele, as comparações possuem um estimável valor, vez que remetem o desconhecido ao que já se antecipa como relação conhecida. Essas auxiliam na formação dos conceitos “[...] já que seu ponto de partida é a compreensão da semelhança e o abandono da dessemelhança das coisas.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 121).

Segundo o filósofo, em última instância, todo entendimento resultará ou desembocará numa compreensão de relações. Enquanto “[...] só conheço uma relação num único caso particular, tenho dela apenas um conhecimento individual, portanto apenas intuitivo [...]”, mas, assim que “[...] identifico a mesma relação em pelo menos dois casos distintos, tenho um *conceito* de toda a sua *espécie*, portanto um conhecimento mais profundo e mais perfeito.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 121).

Nesse ponto, o autor se vale do raciocínio aristotélico constante da *Poética*, segundo o quem “[...] *at longe maximum est, metaphoricum esse: solum enim hoc neque ab alio licet assumere, et boni ingenii signum est. Bene enim transferre est simile interi [...]*”<sup>1</sup> e “[...] *etiam in philosophia simile, vel in longe distantibus, cernere perspicacis est.*”<sup>2</sup> (SCHOPENHAUER, 2009, p. 121-122).

No capítulo 4 (*Sobre a leitura e os livros*), Schopenhauer se limita a enfatizar as considerações feitas no capítulo 1 (*Sobre a erudição e os eruditos*). Assim, reitera suas críticas à leitura instrumental, aos leitores de segunda mão, aos filósofos livrescos, à república dos eruditos. Aconselha ao leitor a atividade de repetição de leitura, quando se tratar de livros importantes, de maneira a assimilar os conteúdos relevantes. Observa que, no mais das vezes, as dificulda-

des de assimilação resultam da falta de um objetivo de leitura que resulta também numa falta de disposição para pensar.

Schopenhauer observa a história da filosofia desde um ponto interessante. Pensa os avanços filosóficos conforme a imagem de uma órbita planetária. Conforme ele, cada descaminho que costuma ocorrer após um avanço significativo poderia ser representado como um epiciclo ptolomaico.

Assim, a espécie humana se encontra sempre novamente na mesma situação inicial que estava antes de passar por tais epiciclos, mas as grandes cabeças não acompanham esse movimento planetário. Segundo o filósofo, isso explica o porquê do reconhecimento de pensadores rechaçados entre seus contemporâneos por parte da posteridade.

Um grande exemplo que menciona o autor é o epiciclo que representa a filosofia de Fichte e Schelling, coroado pela “caricatura hegeliana”. Esse epiciclo teria supostamente partido da linha circular que Kant levou adiante com sua filosofia que é retomado em seu avanço significativo por Schopenhauer, como ele mesmo diz, após um longo período de pseudofilosofia dos filósofos anteriormente mencionados.

Em *Sobre a linguagem e as palavras*, quinto e último capítulo da seleção de ensaios schopenhauerianos, o filósofo alemão tece considerações interessantes sobre a linguagem. O ensaio se inicia apontado o fato de a voz dos animais apenas lhes servir para expressar sua *vontade*, ao passo que a voz humana permite a expressão do *conhecimento*.

Schopenhauer percebe que na origem da linguagem humana em primeiro lugar se encontram as *interjeições*. Essas não permitem a expressão de conceitos, mas sim de sentimentos, movimentos da vontade, algo de similar à voz dos animais. Segundo ele, os verbos, os pronomes pessoais e demais classes de palavras, enquanto formas mais sofisticadas de expressão humana, teriam surgido após a multiplicação das mais diversas interjeições.

A diversificação das espécies de interjeição permitiu a passagem de um nível mais rudimentar de expressão humana para um nível mais complexo, de modo a separar o homem do animal. A raça humana primordial, que outrora se encontrava num estado de total ignorância e desamparo, pode deixar esse estado a partir da multiplicação das formas de interjeição.

Isso leva o filósofo a supor que “[...] a vida da língua é igual à de uma planta que, a partir de uma semente simples, um rebento

discreto, desenvolve-se pouco a pouco, alcança seu ponto culminante e então decai lentamente a medida que envelhece.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 146-147).

O homem teria inventado a linguagem de maneira instintiva, sem intenção consciente por assim dizer, o que lhe permitiu produzir os mecanismos de uso de sua razão. A linguagem surge e esse impulso instintivo inicial que a origina se perde gradativamente pela falta de uso.

O autor expõe que as obras do instinto, a exemplo da casa de abelhas, gozam de perfeição por corresponderem exatamente à necessidade que as produz, atendendo às exigências e aos objetivos peculiares. Em seguida, Schopenhauer fomenta o aprendizado das línguas por parte dos pensadores, sobretudo, das línguas antigas.

Critica as traduções pelo fato de as palavras possuírem valor espiritual específico com relação à língua de que fazem parte. Para ele, com o aprendizado de uma língua nova também ampliamos nossa esfera de conceitos, já que “[...] no aprendizado de cada língua estrangeira formam-se novos conceitos para dar sentido a novos signos [...]” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 153), e à medida que novos conceitos são formados as maneiras de representar as coisas e a relação entre elas se tornam cada vez mais livres da palavra.

Schopenhauer distingue também entre signos auditivos e signos visuais. Aos signos auditivos, segundo ele, recorremos em primeira instância para expressar os nossos afetos e, a seguir, nossos pensamentos. Após, somos capazes de chegar a uma linguagem para o ouvido, antes mesmo de inventar uma linguagem visual.

A visão é capaz de captar modificações mais diversificadas do que aquelas que o ouvido é capaz de perceber. Mas a reprodução da linguagem para a visão é sempre dependente de signos visíveis, ao passo que a linguagem auditiva é totalmente independente de tais. A audição, como radicaliza o filósofo, de modo natural, é “[...] o sentido essencial da linguagem e, conseqüentemente, da razão.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 160).

Assim, chegamos ao fim do panorama sobre os aspectos mais interessantes constantes dos ensaios contidos na antologia *A arte de escrever*. É claro que resta excluído o capítulo 2 (*Pensar por si mesmo*) que contém o ensaio que mais importa a nossa investigação, qual seja a de perceber uma teoria sobre o pensamento autêntico no bojo da teoria da escrita de Schopenhauer.

Na análise dos capítulos 1, 3, 4 e 5 fomos capazes já de antecipar, de alguma forma, o conteúdo do item a seguir, uma vez que a reflexão sobre a erudição e os eruditos, sobre a escrita e o estilo, sobre a leitura e os livros e, por último, sobre a linguagem e as palavras pode delinear a porta de entrada sobre a qual se deve indagar sobre um pensamento autêntico. Mantenhamos vivas as lições colhidas, portanto, na análise dos ensaios que até aqui já se traçou e prossigamos vigilantes na tarefa a seguir proposta.

### 3 Pensar por si mesmo e a autenticidade do pensamento

Este item pretende visualizar uma teoria sobre o pensamento autêntico no bojo da teoria da escrita de Schopenhauer. Uma tarefa dessa monta exige uma atividade interpretativa de des-leitura, com a adoção dos contornos semânticos já expostos em nosso capítulo de introdução quanto à utilização dessa palavra. Também reiteramos o lastro teórico sobre o qual edificamos nossa interpretação, qual seja a teoria da legibilidade de Eni Orlandi (2006), também exposta em fase introdutória desta pesquisa.

Uma teoria da escrita se encontra no plano explícito das reflexões de Schopenhauer, como reconhece Süsskind (2009) em sede de prefácio à obra, o que endossamos. Entretanto, achamos por bem radicar essa teoria da escrita em algo que subjaz num nível profundo dos ensaios do filósofo alemão, que nos levará, assim, a supor a existência de uma teoria do pensamento. Vejamos.

No ensaio *Pensar por si mesmo*, que compõe o segundo capítulo da *Arte de escrever*, Schopenhauer deixa antever considerações interessantes sobre a forma como pensamos, cuja atualidade não pode ser afastada, sem alguma razão. Uma de suas primeiras e mais fortes afirmações que pode, inclusive, resumir o conteúdo do capítulo é a de que “[...] uma grande quantidade de conhecimentos, quando não foi elaborada por um pensamento próprio, tem muito menos valor do que uma quantidade bem mais limitada, que, no entanto, foi devidamente assimilada.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 39).

Para o autor, a dedicação ao pensamento não pode ser feita de modo arbitrário. Para se pensar, exige-se um estado de afetação que

sirva para despertar interesse quanto aos assuntos sobre os quais se está a se debruçar.

Schopenhauer ressalta o peso e o efeito de um pensamento próprio em contraposição aos efeitos de uma mera leitura. Conforme predispõe, ao espírito normalmente são impostas formas de pensar tão heterogêneas e distantes, pelo efeito da mera leitura, as quais o pensamento não estaria preparado para conceber com originalidade, já que ele naturalmente não teria nenhuma propensão ou disposição para tais.

A leitura descomedida e arbitrária adquire quase que uma feição sintomática, visto que serve como válvula de escape que aliena o pensamento, uma vez que não se está numa disposição natural para pensar. Pensar, portanto, exige certa disposição e afetação ao que se soma também certa autonomia.

Quando o pensamento encontra bases autônomas, já que se lastreia numa disposição afetiva adequada e implica o sujeito nas questões sobre as quais verdadeiramente se pensa, ele pode seguir “[...] seu mais próprio impulso, tal como está determinado no momento, seja pelo ambiente que o cerca, seja por alguma lembrança próxima.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 40). Potencializa-se o pensamento mesmo a partir da disposição presente e natural, permitindo-se alçar ao próprio, ao mesmo e, muitas vezes, ao original.

O espírito, baseado nessa disposição, pode assumir toda a sua elasticidade. “Os eruditos são aqueles que leram coisas nos livros, mas os pensadores, os gênios, [...] são aqueles que as leram diretamente no mundo.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 41). O “ler diretamente no mundo” e o “ler nos livros” parece mascarar um postulado ontológico. O ser não parece se revelar na precariedade do ente que é a linguagem e que ganha a forma de texto, mas, a seu turno, no retorno a um mundo que vibra sempre novo o seu sentido e permite que ele seja captado na fonte.

Há, assim, uma distinção entre pensamentos próprios e impróprios implícita em Schopenhauer. Como ele afirma, “[...] apenas os pensamentos próprios são verdadeiros e têm vida, pois somente eles são entendidos de modo autêntico e completo. Pensamentos alheios, lidos, são como as sobras da refeição de outra pessoa, ou como as roupas deixadas por um hóspede na casa.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 41).

Embora afirmemos uma distinção entre pensamentos próprios ou autênticos e pensamentos impróprios ou inautênticos em Schope-

nhauer, isso, em verdade, não está consignado no plano explícito de suas reflexões. É a partir de uma interpretação a *contrario sensu* que podemos afirmar uma tal distinção. Desse modo, são pensamentos próprios aqueles a que nós mesmos somos levados em nossa leitura direta do mundo, ao passo que restam como impróprios os que resultam de mera leitura de textos.

Dirá o autor que a mera leitura “[...] não passa de um substituto do pensamento próprio.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 42). A leitura é, na verdade, um recurso a ser utilizado com parcimônia, aceitável quando nossa fonte de pensamentos próprios seca. Uma ideia só é efetivamente introduzida em nossos pensamentos quando nós mesmos a concebemos mediante uma apropriação intelectual.

Mas se ler não significa pensar propriamente, uma vez que ficamos cheios de *logos*, pensar exige um calar por parte dos discursos sobre os quais irrefletidamente nos debruçamos e que desorganizam o nosso espírito.

O espírito sobrecarregado é incapaz de conceber o pensamento, visto que torna doente o entendimento. Para apreender as coisas de modo direto e imediato, por vias de apropriação, exige-se um pensamento próprio que seja capaz de ordená-las com coesão, de maneira a potencializar a comunicação entre as informações captadas.

Acreditar que o pensamento acontece constantemente, contudo, é um erro grave, esse pensamento que estamos a chamar de autêntico, conforme as lições de Schopenhauer. É que “[...] é possível a qualquer momento sentar e ler, mas não sentar e pensar.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 47). Nesse ponto, o autor nos fornece uma pista interessante, pois afirma que com os pensamentos ocorre o mesmo que com as pessoas.

Chamamos as pessoas, mas não podemos chamá-las sempre. Resta-nos esperar por elas. O mesmo ocorre com o pensamento. Ele deve aparecer por si mesmo, mediante “[...] um encontro harmonioso da ocasião exterior com a disposição e o estímulo internos [...].” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 47).

Essa *espera pelo pensamento* parece exigir do sujeito quase que uma postura de passividade, de serenidade e disposição adequadas para que o pensamento mesmo aconteça. Isso destrona uma postura muitas vezes proativa e ditadora, que fixa o momento do contexto de acontecimento apropriativo do pensamento autêntico. O exemplo que Schopenhauer nos fornece deixa ver melhor esse fato. Vejamos.

A explicação [...] se encontra até mesmo nos pensamentos que dizem respeito a nossos interesses pessoais. Quando, em certa ocasião, temos de tomar uma decisão, não podemos nos sentar por quanto tempo quisermos, refletir sobre os motivos e só então decidir, pois com frequência a nossa capacidade de reflexão não consegue se fixar no assunto justamente nesse momento, mas *escapa para outras coisas*. (SCHOPENHAUER, 2009, p. 47, grifo nosso).

Fica claro que, uma vez que o pensamento não acontece toda hora e tendo-se por consignado que a nós se coloca a exigência de espera e passividade quanto ao seu acontecimento apropriativo, é oportuno dizer que o fato de muitas vezes sermos lançados em *outras coisas* nos retira da livre disposição para pensar.

O escape para as coisas abstrai do pensamento a sua propriedade, retirando de nós a possibilidade de alcance do mundo. Quando escapamos, i.e., nos perdemos do pensamento, somos lançados nas coisas e não pensamos efetivamente. O pensamento não encontra autenticidade *nas coisas* quando, muita vez, submetemo-nos à pressurização que denuncia, de nossa parte, proatividade.

Não “[...] devemos forçar nada, apenas aguardar que a *disposição propícia* também se apresente por si mesma.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 47, grifo nosso). Resta por evidente que tanto o pensamento deve ser esperado passivamente, quanto a disposição para pensar acontece por si mesma. Isso nos destrona de nossa postura subjetivista que tenta sempre impor ao pensamento e à realidade o seu controle. O pensamento está fora de controle. A disposição para pensar só ocorre quando ausente qualquer imposição, “Pois o que é percebido, o que é real, em sua originalidade e força, constitui o objeto natural do espírito pensante e é capaz, com mais facilidade, de comovê-lo profundamente.” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 48).

É do espírito, portanto, a possibilidade de estar afetado, i.e., de comover-se com o pensamento profundamente. Contudo, a não afetação para pensar não permite à reflexão descer à profundidade do ser e nele se comover de modo apropriativo, de maneira a permitir que o pensamento aconteça em sua autenticidade e originalidade mesmas.

Ademais, tal como é com a mera leitura, o mesmo se verifica quanto às experiências em geral. “Assim como a leitura, a mera experiência não pode substituir o pensamento.” (SCHOPENHAUER,

2009, p. 49). Meros leitores e meros experienciadores são qualquer coisa menos pensadores autênticos.

Não pode se gabar a experiência de que, somente ela, possa fazer o saber humano progredir, vez que é no pensamento próprio e autêntico, terminantemente insubstituível, seja pela leitura ou pela empiria, que todo saber efetivamente ocorre e pode alçar a algum progresso.

O pensamento próprio não encontra qualquer mediação ou instância autoritária que sobre ele se exerça. O pensador autêntico se compara a um monarca que não reconhece superiores hierárquicos a quem deva se submeter. Pensar se liga à autonomia.

Os pensadores autênticos pensam para si. Os inautênticos, ou livrescos, pensam para os outros e, portanto, verdadeiramente não pensam. Para que um homem possa, de fato, ser chamado de pensador, algo está por se exigir dele. Isso leva à consideração da existência enquanto problema sempre próximo.

Quando consideramos como é vasto e próximo de nós o problema da existência, essa existência ambígua, perturbada, fugidia, semelhante a um sonho – um problema tão grande e tão próximo, que encobre e sobrepõe todos os outros problemas e finalidades logo que tomamos consciência dele – e quando consideramos que todos os homens, com exceção de alguns poucos, não são claramente conscientes desse problema, nem parecem perceber sua existência, mas se preocupam antes com qualquer outro assunto e vivem apenas no dia de hoje sem levar em conta a duração não muito longa de seu futuro pessoal, seja renegando expressamente aquele problema, ou contestando-se em relação a ele com algum sistema da metafísica popular; digo, quando consideramos tudo isso, podemos chegar à conclusão de que o homem só pode ser chamado de ser pensante num sentido muito amplo. (SCHOPENHAUER, 2009, p. 53).

Para pensar, exige-se a consideração da existência enquanto problema ambíguo, perturbador, que sobrepõe outros problemas sempre menores quando dele tomamos consciência. A reflexão sobre a existência nos devolve ao pensamento e nos retira das *outras coisas*. A consideração do problema da existência impende também levar em conta a curta durabilidade de nosso *futuro pessoal*, i.e., o fato de estarmos sempre caminhando rumo à morte, ao abismo imorredouro e sempre certo de nossa existência. Perceber a existência implica perceber a finitude.

Não se pode renegar o *curto futuro pessoal* sempre nosso mediante *algum sistema da metafísica popular*, sob pena de não se poder dar ao homem, de modo autêntico, a condição de ser pensante. Pensar exige considerar a existência. Considerar a existência exige considerar o futuro para o qual se está a caminhar. Aproximar-se desse problema sempre *próximo* de nós constitui a disposição para o pensar apropriador.

Emerge, portanto, da análise dessas lições não apenas uma teoria da escrita, como preconiza Süssekind (2009), mas também, ou na verdade, uma teoria do pensamento. O pensamento se liga à autenticidade. A existência repõe o pensamento em sua verdade. Mas, isso exige um desarmamento por parte do sujeito que não pode se valer de sua subjetividade proativa ou de sistemas da metafísica popular. Ao sujeito se impõe, na consideração do problema da existência, a adequada assunção da durabilidade de seu futuro pessoal. Somente tais movimentos podem conduzir a um pensamento autêntico.

## 4 Considerações finais

Essa pesquisa refletiu sobre a teoria da escrita de Arthur Schopenhauer, a partir da consideração de alguns de seus ensaios organizados por Süssekind sob a rubrica de *A arte de escrever*. Defendeu-se a existência de uma teoria do pensamento implícita no plano subterrâneo do pensamento do filósofo alemão. Para a realização desse fito, *ab initio*, tece-se um panorama breve que colheu as suas formulações teóricas principais contidas nos ensaios reunidos na obra tematizada.

Em seguida, tomou-se como principais as considerações feitas por Schopenhauer no ensaio *Pensar por si mesmo*, a respeito do que denomina de pensamento próprio. Demonstrou-se que o que potencializa o acontecimento apropriativo do pensamento, além da autonomia do pensador, é também a percepção do problema de sua existência, bem como da durabilidade de seu futuro pessoal.

Denunciou-se que somente a restituição do pensamento à existência pode retirá-lo das *outras coisas* e permitir o seu acontecimento autêntico. O pensamento precisa ser devolvido ao seu acontecimento apropriativo em que pode repousar na verdade do seu ser.

Intuiu-se a existência de uma teoria do pensamento, na doutrina schopenhaueriana, que subjaz num nível profundo de sua teoria da escrita, uma vez demonstrados indícios convincentes dessa intuição na análise do *Pensar por si mesmo* que, já no título, fortalece a tese sustentada.

Em sentido lato, a investigação adotou a atitude fenomenológico-hermenêutica, explicitada em *Ser e tempo* (2012) por Martin Heidegger. Tal orientação epistemológica permitiu a interpretação do texto, tido este como fenômeno que se mostra, enquanto possibilidade do ser. Em sentido estrito, o pluralismo metódico de Paul Feyerabend (2007) auxiliou na consecução dos resultados da pesquisa, vista a liberdade metodológica que nos conferiu, em razão de essa liberdade ter se justificado durante o andamento da pesquisa.

Possuiu-se como lastro interpretativo o método de des-leitura, de Harold Bloom (1993), que auxiliou na análise da doutrina schopenhaueriana e que permitiu radicalizar a tese da teoria da escrita nos ensaios analisados. Lastreados no método de des-leitura, inclusive, podemos des-ler a tese da teoria da escrita schopenhaueriana e afirmar que, na verdade, o que o texto deixa ver é uma teoria sobre o pensamento autêntico.

A noção de legibilidade de Eni Orlandi (2006) nos forneceu lastro interpretativo, uma vez tida a nossa leitura não como uma tentativa de resgate das intenções psicológicas do autor ou de uma suposta vontade implícita em seu texto, mas como uma atividade de produção textual, em que podemos interagir com um suposto “leitor virtual”, munidos da condição de leitores reais. Opomos ao texto nossa tardividade e, assim, foi-nos possível extrair dele o seu sentido mesmo, deitado sob o pano de nossa historicidade e de nosso lugar de leitura.

## Notas

- 1 Em português: “O mais importante é encontrar metáforas, pois é a única coisa que não se pode aprender de outros e é um sinal de uma natureza engenhosa. Para fazer metáforas é necessário reconhecer a igualdade”.
- 2 Em português: “Na filosofia encontrar a semelhança mesmo entre coisas distintas é sinal de perspicácia”.

## Referências

BLOOM, Harold. *Abaixo as verdades eternas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. [S.l.]: Relógio D'Água; Ciência, 2007.

FOLSCHEID, Dominique; WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Metodologia filosófica*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Campinas, SP: Editora Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Porto Alegre: L&M, 2009.

STEIN, Ernildo. *Às voltas com a metafísica e a fenomenologia*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

SÜSSEKIND, Pedro. Prefácio. In: SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Porto Alegre: L&M, 2009.